



AVENÇA Livre

13
JULHO
1957

MONOGRAFIA DE CRITICA E ACTUALIDADES

PAULO BARBOSA DE MAÇEDO

DIRECTOR ANTONIO JOSE DA COSTA

PAULO BARBOSA DE MAÇEDO

PAULO BARBOSA DE MAÇEDO

COMPOSICAO, IMPRESSAO E REDACAO: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 52113 - AMARES

Numa manifestação significativa o Distrito recebeu calorosamente O SEU NOVO GOVERNADOR

Uma verdade: Jamais a cerimónia de cumprimentos a um Governador Civil do nosso Distrito, no início das suas funções, teve tamanha e tão selecta concorrência.

Uma conclusão: Vive-se um momento singularmente expressivo de regozijo e de esperança. Regozijo

pelos altos dotes morais, políticos e cívicos do novo empossado. Esperança na solução de sérios problemas cuja candência ninguém ignora embora finja desconhecer.

Ninguém saiu da cerimónia de apresentação de cumprimentos com a menor dúvida quanto aos al-

tos méritos de inteligência e de carácter do sr. dr. António Abranches e de que estamos perante um nacionalista convicto para quem a política é frente de trabalho sério e honesto, lugar para servir o comum, altar de ideologias ao serviço da Nação e não dos interesses dos homens.

É, pois, dever de todos, prestar-lhe a sua ajuda sincera e franca despida de segundas intenções.

Mas não julguem agora aqueles que nada fazem de útil, que nunca ergueram uma obra de interesse para a Grei e que se sentem bem nos lugares só para estarem de cima, que colaborar é não levantar problemas mesmo que os povos sejam largamente prejudicados e os concelhos sintam sobre si um jugo que repudiam unânime-

mente.

Não venham dizer-nos que há concordância quando os homens não se entendem, que não existem problemas quando um concelho pelas suas forças políticas, pelas suas institui-

(Continua na 4.ª página)

Não haja juízos temerários

No meu último artigo — "Alerta Bourenses" — saíram algumas gralhazitas que, como noutras, nem vale a pena falar. Farei, no entanto, referência às seguintes; onde se lê — que hoje quem, leia-se que haja quem; em vez de — tendo sido alimentadas por; em vez de — instigação no mal, deve ler-se instigação do mal. Outros deslizes todos os corrigem. De resto, a má caligrafia dá destes precalços, e por isso desculpem-nos uns aos outros.

Posto isto, vamos a outra conversa: Há muito quem deite as cartas, dizem-me, e por elas querem adivinhar as minhas intenções e os meus propósitos.

Pois é esse um dos grandes males do nosso povo: acredita em cartas, acredita em nigromâncias, acredita em bruxedos. E um povo que tem tais credências, é um povo sem vida, sem actividade, sem energia, e por isso incapaz de progredir.

Aferrado a princípio absolutos, quer viver só para si, cuida apenas dos seus interesses e por estes, em defesa destes, comete as maiores arbitrariedades. Diz-se cristão, e não o é.

"Ama o teu próximo como a ti mesmo; não faças a outrem o que não queres que te façam; dá o que tens aos po-

bres e terás um tesouro nos céus; amai-vos uns aos outros como eu vos ameji, etc., são princípios que eles desconhecem ou, pelo menos, procedem como se os não conhecessem.

Quem se confrange com a triste situação dos pobres? Quem lamenta vê-los obrigados a andarem de porta em porta, e por essas ruas, estendendo a mão a pedir uma esmola? Sendo nós todos irmãos, podemos consentir que irmãos nossos nos estendam a

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

De Braga partiam mais três vias militares semelhantes: uma segunda, também para Astorga, por Chaves (Aqua-Flaviae); a terceira, por Prado, Ponte de Lima e Valença, demandava Lugo; a quarta para o sul, em direcção a Santarém.

De tudo isto, é a estrada imperial da Geira o mais importante monumento da romanização, com suas dezenas de padrões ou marcos miliares que de milha a milha iam marcando a distância a que ficavam de Braga, além das muitas inscrições dedicadas aos imperadores, cônsules e outras personagens da antiga Roma, pelo estreito convívio de cooperação entre os naturais vencidos e o vencedor, a que certamente a seu tempo obrigou esta extraordinária obra.

Por isso mesmo veio a ser objecto da mais atenta investigação de historiadores e arqueólogos, entre outros, D. Frei Bernardo de Brito, D. Jerónimo Contador de Argote, o Padre José de Matos Ferreira; mas, quem sobre o assunto emitiu a última opinião, foi o ilustríssimo Padre Martins Capella, num aturado e trabalhoso estudo que publicou sob o título de «Milliarios do Conventus Bracaraugustanus».

Foram estes dois últimos sacerdotes do vizinho concelho de Terras de Bouro, que muito honraram com seu saber.

Diz Matos Ferreira, no seu «Tesouro achado em Braga...» que Bernardo de Brito, de todas as coisas que escreveu, todas visitou pessoalmente; e, que indo ver a Geira, não descobriu mais que três padrões.

E que Matos Ferreira, para conseguir descobrir muitos mais, teve de dar-se a um insano trabalho de desbravar montes e vales (1728); fazer-se acompanhar de homens que roçassem mataçais e silvados que obstruíam a Geira, em muitas partes cortada e metida dentro de muros de bouças, e ter de solicitar até a intervenção das autoridades para vencer a resistência de lavradores ignorantes.

Muitos de tais miliários foram destruídos e roubados pelos povos locais, que fizeram deles pés de lagar e pedestais de cruzeiros, quando os não meteram em socacos. Para poupá-los a semelhante exterminio, o arcebispo D. Diogo de Sousa de Vasconcelos mandou recolher a Braga um bom número que aí se encontra.

Diz Martins Capella que, muito embora desde Braga

(Continua na 6.ª página)

Viagem Presidencial ao Brasil

IV

Ligeiros Aspectos da Colonização Brasileira

(Continuação do núm. anterior)

Parece que em face deste progresso na adaptação do aborígene, que acabamos de descrever, tudo se passaria da melhor maneira ao iniciar-se logo a seguir o regime feudal das capitâneas e que os donatários iam realmente encontrar facilidades na execução da sua grande tarefa colonizadora, mas tal não sucedeu, porque os índios brasileiros, ciosos da sua terra, vendo queimar-lhes a floresta para arrotear e semear, vendo destruir o seu paraíso, o seu reino de liberdade selvagem, logo se revoltam e criam tais dificuldades aos colonos europeus que, podemos afirmar, só escaparam muito poucos da ruína total e muitos deles não

foram poupados a morte horrenda.

Depois do regresso a Lisboa de Martim Afonso de Sousa (1533), reuniram-se em Abril de 1534 as cortes de Évora e instituíram-se as donatárias. São concedidos aos donatários amplos poderes de governo, organização, administração de justiça, conquista de territórios, etc.

Foram primeiros donatários: João de Barros e Aires da Cunha, do Pará; Fernando Alvares de Andrade, do Maranhão; António Cardoso, de Barros, de Piauí; Pero Lopes de Sousa, do Itamaracá, S. Amaro e Santana; Duarte Coelho, de Pernambuco; Francisco Pereira Coutinho, da Baía; Jorge de Figueiredo Correia, de Ilheus; Pero do

Campo Tourinho, de Porto Seguro; Vasco Fernandes Coutinho, do Espírito Santo; Pero de Goes, de S. Tomé; Martim Afonso de Sousa do Rio de Janeiro e S. Vicente.

Apesar dos poderes de que iam revestidos os donatários, espécie de domínio feudal europeu na forma mais ampla, passados dez anos verifica-se a ineficácia das capitâneas.

A luta que durante este período haviam travado era ingente.

A autonomia que lhe fora concedida, sem o amparo material aduado, sem os meios de defesa necessários contra a infiltração dos usurpadores estrangeiros e contra a audácia dos indígenas, redundou

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA AGRÍCOLA

O tempo e as culturas

Segundo as informações do Serviço Meteorológico Nacional, na primeira década de Junho, os períodos de chuva e de bom tempo, foram em regra favoráveis a quase todas as culturas, em especial à batata, às culturas hortícolas e às árvores. Os milhos, embora também em parte beneficiados pela chuva, à excepção do Algarve onde choveu muito pouco, foram por outro lado prejudicados pela temperatura relativamente baixa do ar.

Os trabalhos agrícolas pouco foram prejudicados pela chuva, à excepção das regiões no litoral do norte do continente onde choveu em maior quantidade, e puderam por isso prosseguir geralmente em boas condições. Procedeu-se com muita actividade às ceifas, à plantação de arrozais e à colheita de frutos.

As condições meteorológicas foram favoráveis ao desenvolvimento das doenças criptogâmicas. Observaram-se por isso ataques de mildio nas vinhas e nos batatais, principalmente onde os tratamentos não foram feitos em tempo oportuno.

Na 2.ª década de Junho as culturas apresentavam em geral bom aspecto vegetativo, nomeadamente o milho, a batata e as oliveiras que estão a «limpar» muito bem, beneficiadas pela subida de temperatura do ar e por algumas chuvas que caíram nos últimos dias. No entanto, nas regiões do norte a temperatura relativamente baixa durante a noite prejudicou o desenvolvimento do milho e da vinha.

O estado do tempo foi favorável à execução dos trabalhos agrícolas, prosseguindo por isso com grande actividade a ceifa dos cereais e dos fenos (que na região do Sul do Tejo estava quase e terminar), as sachas, o tratamento contra pragas e doenças, a colheita de frutos, etc. Procedeu-se também em algumas regiões à sementeira do milho e plantações do arroz.

Observaram-se grandes ataques de afídeos e de cochonilhas nos citrinos, e de mildio nas vinhas e nos batatais, sobretudo no norte, devidos ao estado do tempo na década anterior.

PREÇOS de Milho, Centeio e Cevada

No «Diário do Governo» n.º 127, 1.ª Série do dia 1 de Junho, foi publicado um despacho do sr. Subsecretário de Estado da Agricultura do seguinte teor:

«Não se afigurando vantajoso alterar os preços do centeio, milho e cevada estabelecidos no despacho de 19 de Junho de 1954, publicado no «Diário do Governo» n.º 137, de 25 do mesmo mês, deverão os mesmos aplicar-se às colheitas de 1957.

A Federação Nacional dos Produtores de Trigo tomará as medidas necessárias para assegurar aos produtores a entrega daqueles cereais nas condições em que o tem feito nos anos anteriores».

Mantêm-se por isso os seguintes preços:

Cevada

1) — O preço de compra da cevada de peso igual ou superior a 60 kgs. por hectolitro é de Esc. 1\$78.

2) — Por cada quilo a menos, até ao limite mínimo de 48 kgs. por hectolitro, o preço indicado sofre uma redução

de \$02. Assim, o preço da cevada de específico 48 é de Esc. 1\$54.

3) — O preço da cevada é acrescido do diferencial de \$01 por quilo e por mês nas aquisições efectuadas nos meses de Setembro a Dezembro inclusivé, altura em que vence o diferencial máximo de \$04.

Centeio

1) — O preço de compra do centeio de peso igual ou superior a 75 kgs. por hectolitro é de Esc. 2\$36.

2) — Por cada quilo a menos, até ao limite mínimo de 63 kgs. por hectolitro, o preço indicado sofre uma redução de \$02,4. Assim, o preço do centeio de específico 63 é de Esc. 2\$07,2.

3) — O preço do centeio é acrescido do diferencial de \$01 por quilo e por mês nas aquisições efectuadas nos meses de Setembro a Abril, altura em que atinge o diferencial máximo de \$08. As entregas efectuadas no mês de Maio, vencem um diferencial igual ao de Abril.

Milho

1) — Os preços de compra do milho são os seguintes:

Milho Graúdo, amarelo

Secretaria Jud. de Amares ANUNCIO

No próximo dia 24, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial de Amares, há-de proceder-se à arrematação do direito e acção a 1/16 avos dos seguintes prédios, sítos no lugar da Ponte, freguesia de Lago:

Primeiro: Leira da Ribeirinha do Pote, cuja parte a Arrematar entra em praça por 15\$00;

Segundo — Uma morada de casas de altos e baixos, rocio e eido junto, cuja parte a arrematar entra em praça por 202\$50;

Terceiro — Campo do Ermo cuja parte a arrematar entra em praça por 271\$90;

Quarto — Bouça do Pote, cuja parte a arrematar entra em praça por 13\$20.

Amares, 6 de Julho de 1957.

O Juiz Municipal,

Manuel Arantes Rodrigues

O Chefe de Secção,

João Barbosa de Macedo

(1.ª publicação)

A' Lavoura

O Grémio da Lavoura de Amares adquiriu uma debulhadora de trigo e centeio para alugar aos seus associados.

Já esta semana a dita debulhadora começou a funcionar a preços acessíveis de maneira a que todos possam aproveitar os seus serviços.

ou branco, com o máximo de 15 % em peso de grão miúdo; entendendo-se como tal aquele que passar ao crivo de orifícios circulares de 7 mm. de diâmetro — Esc. 2\$20.

Milho Miúdo, amarelo ou branco, com mais de 15 o/o de grãos miúdos ou mais de 10 o/o de grãos vermelhos ou amarelo-avermelhados — Esc. 2\$05;

Milho Dente Cavallo, tipo chato, híbrido ou não, amarelo ou branco, em lotes uniformes — Esc. 2\$20.

2) — O preço do milho é acrescido do diferencial de \$03 por quilo e por mês nas aquisições efectuadas nos meses de Dezembro a Fevereiro, altura em que atinge o diferencial máximo de \$09. As entregas efectuadas em Março, Abril e Maio vencem um diferencial igual ao de Fevereiro.

TRABALHOS AGRÍCOLAS

Nos campos — Continuar ou começar os alqueives; abarbear ainda para os nabais a semear em Agosto; abrir alguns restolhos; lavrar as terras invadidas de grama e outras ervas daninhas e passá-las em seguida à grade de molas ou outra.

Semear milhos e sorgos para verde e ensilagem em terra alqueivada ou grangeada ou em alguns restolhos, depois de abertos e gradados e regados se for possível e necessário.

Sachar e amontoar e regar batatas, milho e feijão sachar soja e ricino — Adubar milhos em cobertura à arrenda ou em seguida à rega. Sachar e regar meloais.

Defender os meloais do pioelho e tratar os batatais mais atrasados contra o mildio e o escaravelho.

Continuar a ceifa e a debulha dos cereais de praga: — arrancar batata,

separando a que deve ser destinada à plantação; apanhar ervanços e painço que será atado às horas de calor para não apanhar mofo; — trilhar garrobas depois do sol aquecer; arrancar, ripar e curtir os linhos que estejam maduros, e cortar os cânhamos também já feitos.

Nos pomares — Regar os pomares de espinho ou de citrangeiras e mantê-los limpos de ervas por sachas superficiais; aplicar-lhes cal, que pode ser em leite, nos terrenos calcários, ou nitratar se houver necessidade.

Nos jardins — Regar, especialmente de tarde, e com frequência todas as plantas.

Semear cinerárias e amores-perfeitos. Alporcar craveiros depois da floração.

Arrancam-se os bolbos de jacintos, túlipas e narcisos, e as raízes dos ranúnculos e anêmonas.



Bons aposentos
Casa de Banho
Água Corrente
Serviço de Mesa com e sem Dieta
Asseio Inexcedível
Agradável sala de Jantar
Grande Esplanada para serviço ao ar livre
Jardim
Garagem Privativa

Pensão de Paços

Completamente reconstruída de novo

DE *Amélio de Andrade*

Telefone 65111

Termas de Caldelas

Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos
No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

TRIBUNA do CONCELHO

Obras

Ainda este mês devem iniciar-se as obras de remodelação do prédio do sr. Manuel Tomé Gonçalves e a pavimentação do Largo dos Bombeiros. Uma e outra obras devem concluir-se este verão.

Estradas

Chamamos a atenção de quem de direito para o estado da estrada de Caires.

Junto da capela encontra-se destruída e metros antes do Paço Velho o seu estado é de tal maneira ruinoso que um carro não pode lá passar à velocidade dos peões e fugindo às muitas locas ali existentes.

As autoridades da freguesia, embora descrentes como nós, e, afinal, toda a gente, devem insistir pela solução do caso. Os responsáveis levam o tempo a tentar segurar a árvore como que ela tivesse maneira de se segurar.

Vida elegante

Aniversários

Amanhã — A sr.a Augusta Gomes Martins Dias e o sr. Manuel Veloso, Lisboa;

Terça-feira — A menina Elvira Antunes da Silva, e o Sr. Augusto Justiniano Rodrigues.

Quinta-feira — O Sr. José Gonçalves Leite.

* * *

Fez, ontem, 32 anos, o sr. Dr. Alexandre Herculano Martins da Costa, Delegado do Procurador da República, na comarca de Vila Verde.

Magistrado íntegro e altamente competente, com trato afável e despretençioso, goza entre nós da maior admiração e estima.

«Tribuna Livre» faz votos pelos seus êxitos pessoais e profissionais.

PELO TRIBUNAL

Foram julgados esta semana, no tribunal Judicial:

Por terem apanhado umas lenhas para uso doméstico, onze mulheres da freguesia de Caldelas; seis delas foram perdoadas pelos denunciadores srs. Alexandre Adelino Antunes e José Fernandes da Rocha.

As outras 5 foram absolvidas por não se ter provado o valor dado à lenha.

—João Manuel Pereira, da Póvoa de Lanhoso, acusado de ofensas corporais, foi condenado em 122 dias de prisão remíveis.

—Marta Josefa Peixoto, de Amares, pelo crime de desobediência, foi condenada em 8 dias de prisão correccional, substituída por multa.

—Manuel da Silva, de Sequeiros, pelo crime de dano,

foi condenado em 8 dias de prisão correccional substituída por multa.

Imprudência

Amares — Quando seguia montado no seu velocípede, o sr. Joaquim Azevedo, na estrada marginal «Ponte do Porto-Amares», e ao passar na curva de S. Veríssimo, apareceu-lhe José de Barros, «O Pardelho», que seguia em sentido contrário «Amares-Ponte do Porto», contra a mão, pelo que foi embater com o Joaquim.

Zangaram-se, e o José arremessou uma pedra ao Joaquim, ferindo-o, pelo que o caso foi remetido a Juízo.

De visita à nossa Redacção

Tivemos o prazer de receber na nossa Redacção o conceituado colaborador deste jornal, Senhor Bernardino Ribeiro, que no gozo de umas bem merecidas férias teve a gentileza de se deslocar a Amares para nos cumprimentar e apreciar as nossas instalações. Ficamos gratos pela visita e pelas referências elogiosas que nos referiu.

JULGAMENTO

(Continuação da 6.ª página)

O tribunal deu o crime como não provado pelo que a ré foi absolvida.

Foi patrono da ré o sr. Dr. Fernando Ramoa Ferreira Capa, distinto advogado em Braga.

D.

Ao sr. Dr. António Ribeiro Guimarães

Do sr. Carlos de Sousa, residente no Porto, recebemos uma carta em que refere a intervenção cirúrgica a que foi sujeito no Hospital de Vila Verde, tendo como operador o sr. Dr. António Ribeiro Guimarães.

Grato pela maneira atenta e altamente competente como foi tratado, o sr. Carlos de Sousa diz do seu ilustre operador:

«Estou deveras encantado com o seu carinho e zelo a revelar uma competência profissional que muito dignifica e orgulha todos aqueles que nessa Vila conheceram a luz. A esse homem ilustre que toda a Vila preza e com razão, pois tantas vidas tem salvo com a ajuda de Deus, eu quero tornar público o meu verdadeiro apreço e admiração. Aproveito também para agradecer ao pessoal do nosso Hospital, todo o seu carinho e zelo com que me trataram».

DE CALDELAS

ALTERAÇÃO DA HORA DE SAÍDA DO CORREIO - MOVIMENTO TERMAL - MELHORAMENTOS - O TEMPO E A AGRICULTURA

CALDELAS, 8 — Afim de melhor atender as necessidades desta terra e da estância termal, a Administração dos C.T.T. alterou das 14 horas para as 17 horas a tiragem do correio, dando assim mais tempo a poder-se responder a todo o correio chegado no mesmo dia. Melhoramento à muito esperado e de grandes vantagens, não só para os aquistas, como para todos em geral e em especial o comércio local.

—O movimento termal desta estância tem aumentado dia a dia, vendo-se já alguns africanistas e brasileiros. Pena é que o cruzeiro esteja desvalorizado, pois do contrário teríamos mais brasileiros, que tão frequentes são nestas Termas.

—A Junta de Turismo, a que preside o Rev. Padre João Martins de Freitas, tem sido, ultimamente, incansável em vários serviços de aformozamento, sobretudo nos canteiros e jardins da avenida.

—A estrada nacional que dá acesso ao vizinho concelho, de Vila Verde e aos demais concelhos do alto-Minho está a ficar em tal estado, cheia de buracos e covas que se torna quasi intransitável. É necessário que a Direcção das Obras Públicas mande, sem demora, fazer as necessárias reparações, bem como o alargamento da ponte medieval sobre o rio Homem, a pouco mais de um quilómetro desta estância, pois dada a sua pouca largura não dá passagem às grandes camionetas, tendo já acontecido de terem de regressar e retomarem outro caminho.

—Após um tempo ventoso e fresco veio finalmente o calor que se tem tornado intenso, muito beneficiando todas as culturas da época. As vinhas que em princípio foram atacadas pelo míldio, apresentam-se já muito desenvolvidas e com bom aspecto. Os campos de milho estão dando esperanças dum ano farto deste cereal. Os olivais estão prometedores. Os centeios que presentemente na debu-

Batisado

No passado domingo, na Igreja Matriz, desta vila, realizou-se o batismo da filhinha do nosso assinante Sr. Manuel Alves Victoriano, alfaiate e de sua esposa Amélia de Jesus da Cunha.

A neófita recebeu o nome de Emilia Manuela e serviram de padrinhos a gentil menina Emilia Manuela Coutinho Almeida e o seu irmão Sr. Alberto Manuel Coutinho de Almeida.

lha tem dado uma reduzíssima e diminuta produção. Os mercados apresentam-se fartos e as frutas têm baixado de cotação em virtude da abundância. Os cereais tem sofrido baixa à excepção do centeio. Os limões devido à sua reduzíssima produção estão caríssimos. Os apimais sobretudo os suínos sofreram, ultimamente, quebra de preço.

Aquistas ilustres

Acompanhado de sua Ex.ma família, encontra-se presentemente, nestas termas o nosso amigo Senhor Eugénio Vieira, distinto chefe de Finanças de Matosinhos.

Após uma prolongada estadia entre nós, retirou para a sua comarca (Soure) o nosso amigo e distinto Juiz Dr. Antero Pereira Leitão.

S. de Lys

HUMORISMO

Crianças

—A mamã está em casa?

—Não está, não senhora: foi ao campo.

—E sabes se demora muito?

—Ela disse-me que só vinha ao meio dia.

—E à tarde poderei falar com ela?

E a pequenina voltando-se para dentro:

—Ó mamã, que hei-de responder agora?

Recém-casado

A mulher, muito afectuosa, diz em plena lua de mel:

—Temo que te canses do teu novo estado.

—Não, filha.

—Talvez venhas a ter saudades da vida de solteiro.

—Não creias. Detesto-a tanto, que se hoje morresses, amanhã mesmo me tornaria a casar.

Nem todos são iguais

—Não me quero casar, mamã. Sou ainda muito nova e muito ignorante.

—Mas isso não são razões, filha.

Aos homens não agradam as mulheres demasiado instruídas e inteligentes.

—Sim; tu julgas que todos são como o papá...

Caires

De visita — De visita a sua família, encontra-se no lugar do Passo, desta freguesia, vindo de Lisboa, o nosso bom amigo sr. Lourenço José Baptista da Silva, que acaba de comprar por 130 contos (130.000\$00) a importante «Quinta da Eira». Que a goze por largos anos, cheio de vida e saúde, na companhia de sua Ex.ma família, são os nossos votos.

S. Torcato — Em duas luxuosas camionetes, chefiadas pelos nossos presados amigos, José Costa e José Baptista, foi daqui uma excursão até à Romaria de S. Torcato (Guimarães). Enquanto cumpriam as suas promessas e observavam os luzidios e variados números do programa, muitos e audaciosos gatunos roubaram os cestos dos merendeiros, com as respectivas panelas, chouriços, guardanapos e tudo. Apesar de terem boa viagem, no regresso vieram com a barriga a tocar horas... Boa viagem faz... quem em sua casa está em paz.

Para Fátima — Afim de assistir às cerimónias religiosas dos dias 12 e 13 deste mês de Julho, também partiu outra peregrinação desta freguesia para o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, na Cova da Iria.

Oxalá que tenha uma óptima viagem, e que Nossa Senhora os defenda dos ladrões que até lhes podem tirar os bigodes.

Aniversários — No passado domingo, dia 7, celebraram os seus aniversários natalícios, os Ex.mos srs.: P.e Joaquim Ferreira, de Lago; Rosalino da Trindade Almeida, da Feira Nova; e o sr. José Augusto de Almeida, a b a s t a d o proprietário da Quinta dos Rios, desta Freguesia; no dia 8, o Rev. P.e Alberto da Rocha Martins, de Barcelos; no dia 9, o sr. José Carlos Coelho, de Caires. No dia 10, a sr.a D. Luzia Pizão, de Ferreiros; no dia 11 o Rev. P.e Lino de Sousa, da Veiga de Penso; e hoje dia 13 o sr. Benjamim Rios pai estremo da nossa dedicada professora primária dos meninos, que muito bem tem desempenhado o seu árduo e difícil ministério na educação, instrução e formação das nossas criancinhas.

A todos, as nossas saudações e felicitações e que estas datas se repitam por muitos anos.

Não haja juízos temerários

(Continuação da 1.ª pagina)

mão, pedindo esmola, sem cairmos fulminados de vergonha? Sem nos revoltar-mos contra a sociedade que tal consente?

Rapazes da minha terra, quero acarinhar uma fagueira esperança, quero ter fé em que vós procurareis dar remédio a esta confrangedora vergonha: consentir a mendicidade.

E' ao Estado que compete resolver este magno problema. As medidas já tomadas a este respeito não são suficientes. A mendicidade continua.

Enquanto solução satisfatória não lhe for dada a nossa dignidade, o nosso brio de irmãos, obriga-nos a procurar evitar o vexame que representa para um ser humano o ver-se obrigado, como se a pobreza degradasse, a ter de se considerar um ser inferior para mendigar, de um seu igual, uma esmola que o não deixe morrer de fome.

Se não estou em erro, continua a haver em cada freguesia uma Comissão de Beneficência. Pois bem: organize-se outra comissão que, com aquela, promova o fornecer-se, em sua casa, a cada pobre im-

possibilitado de trabalhar os meios precisos para se alimentar e vestir. Como, para tanto, não seriam suficientes os subsídios do Estado e, possivelmente, da Câmara, a freguesia contribuiria com a importância que viesse a faltar.

Posta em prática esta dignificante, e, verdadeiramente, cristã medida, proibir-se-ia rigorosamente a mendicidade na freguesia. E, se todas as outras freguesias fizessem o mesmo, estaria, provisoriamente, resolvido o problema da mendicidade.

Já vêm que não são precisos adivinhas para conhecer as minhas intenções. Deixem-se, pois, de juízos temerários. Uma só coisa tenho em vista: ser útil à minha terra, à nossa terra. Aponto males, aponto erros, mas como remediar males e erros sem para eles chamar a atenção dos Boureuses, principalmente dos novos? Quem tem de os emendar e eliminar? Se entre os velhos há alguns que queiram, sinceramente, meter ombros à empresa, não faltaria à chamada.

A F A

Posse do novo Governador Civil de Braga

(Continuação da 1.ª pagina)

ções e pelos seus homens clama solução para situações de há muito vexatórias.

Para os que não têm ambições de trabalho e só conta a ambição do lugar, tudo se passa como num mar de rosas e todas as ondas são anti-nacionais.

Para os outros a ansia incontida e incontível de que a Verdade da Revolução seja privilégio de todo o País e que o Regime só se serve com a Verdade.

Colaborar, pois, significa ajudar à solução dos problemas pelo seu lado justo, pondo-os com franqueza, despidos de interesses particulares, deixando que as fontes políticas dos concelhos, quando idóneas, ajudam a buscar a solução.

Ao terminar o sr. Governador Civil disse, perante a satisfação de todos, que ia trabalhar para que se soubesse que a Revolução Continua.

É esse o desejo de todos.

A Revolução deu já as suas provas e ninguém ousa contestar-lhe as realizações, o que é preciso é que todos ajudemos a que esse trabalho dê os melhores frutos.

Também ninguém contesta—e mais do que isso—ninguém dúvida, depois daquela manifestação verdadeiramente impar nos anais da política Distrital que o novo empossado pos-

uiu as melhores condições para realizar obra útilíssima.

As suas excepcionais qualidades impõem-nos a obrigação, não só da mais completa colaboração, como o «abandono sem reservas à sua chefia», no dizer feliz do sr. Presidente da Câmara de Braga.



Passa hoje o aniversário natalício da Senhora Rosalina de Fátima Machado, esposa do nosso assinante, Senhor Manuel Teixeira, que com seu marido e filhinha se encontram ausentes no Canadá. A família deseja aos três, especialmente neste dia, muitas felicidades e continuação de boa saúde e prosperidades.

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

(Continuação da 1.ª pagina)

na pior das situações que, só mais tarde, a instituição do governo geral veio salvar do caos.

Entretanto, os donatários arruinavam-se na tarefa enorme do fretamento de navios e aquisição de tudo o que era necessário à sua acção; as capitánias tornavam-se um grande sorvedouro de capitais e vidas.

Resistiram ao desastre apenas a Vila de Santos em S. Vicente e a cidade de Olinda em Pernambuco, devido à energia de Duarte Coelho e Braz Cubas e, durante algum tempo, a capitania de Porto Seguro, do donatário Pero do Campo Tourinho.

Impunha-se uma solução e ela chegou ao Brasil com o primeiro governo geral de Tomé de Sousa, em 29 de Março de 1549.

Mas deste serviço prestado à Pátria, pago com as vidas de Aires da Cunha, Francisco Pereira Coutinho, António Cardoso de Barros e com a ruína de Vasco Fernandes Coutinho, Pedro de Góes, João de Barros e tantos outros, que seria fastidioso enumerar,— não foi inútil o sacrifício. Por eles foi hasteada a bandeira da civilização e, embora com imenso sacrifício, prepararam caminho para o futuro alargamento da fé e do império nas vastas terras do Brasil.

Nem se poderá arguir de irreflectida a medida da criação do regime de doações no Brasil, porque ela é hoje reconhecida como acto político de alto valor, atendendo à míngua de recursos para o fazer de outra forma e ainda porque, apesar de tudo, a obra criada pelos primeiros donatários serviu de admirável

apoio à acção unificadora do governo geral.

Com a assistência que lhes foi prestada pelo Governo Geral da Baía de Todos os Santos, puderam as capitánias rejuvenescer e tornar-se centros poderosos de civilização cristã e de progresso material.

Tomé de Sousa desembarca junto às ruínas da Vila Velha, com todo o seu séquito e forma um magestoso cortejo que impressionou os naturais e fez brotar lágrimas de alegria aos povoadores ali existentes, que tanto ansiavam esta vinda.

Procede logo à escolha do local para construção da cidade do Salvador, no planalto ao norte da antiga Vila, e, agindo com toda a prudência, iniciou a construção de uma forte palissada para não ser surpreendido pelos aborígenes e socegradamente, edificar a sua cidade, a primeira capital do Brasil, aquele poderoso centro donde irradiaria futuramente toda a seiva unificadora da grande colónia. O governador dava alto exemplo de abnegação porque «era o primeiro que lançava mão do pilão para os taipais e ajudava a levantar a seus ombros os caibros e madeiras para as casas», apesar de ter levado artífices de toda a espécie, dirigidos pelo mestre das obras da fortaleza Luís Dias e pelo mestre pedreiro Diogo Peres.

Tomé de Sousa é bem o «Pai Construtor» como se evoca no projectado Monumento ao «Pai Português!»

Com o primeiro governador chegava também o apóstolo P.e Manuel da Nóbrega com seus cinco companheiros jesuítas, que haviam de desempenhar papel preponderante na colonização, com a sua esplêndida obra evangelizadora do revelde aborígene, em que alcançaram assinalado êxito. Foi até necessário, no dizer do próprio Tomé de Sousa, refrear-lhes o entusiasmo para que não se engolfassem no sertão, à procura da salvação de almas, num zelo temerário e suicida. Em 1551 já a Baía tinha o seu bispado, instituído por bula papal de 25 de Fevereiro deste ano. Erguida a cidade fortificada, sede do governo geral, percorre Tomé de Sousa com o P.e Nóbrega e Pero de Góis todas as capitánias e toma providências, especialmente medidas de segurança contra os indígenas e incursões, com o levantamento de tranqueiras, parapeitos artilhados e até fortalezas, como em Santos e S. Vicente; funda as vilas da Conceição e S. André, à frente da qual põe como capitão o célebre povoador João Ramalho; demite o loco-tenente nos Ilhéus e acode com a sua autoridade aonde se torna necessário, sem prejuízo dos direitos e autonomia dos donatários.

A benéfica acção de Tomé de Sousa, no curto mas eficaz período de 3 anos, preparou os alicerces dos futuros go-

vernos gerais e ao deixar o seu mandato, cheio de saudades da pátria e da família, regressa a Lisboa com a firme consciência do dever cumprido, mas também muito pesaroso de ter abandonado uma obra que soube criar com o suor do seu rosto.

Sucede-lhe em 1553 D. Duarte da Costa, como Tomé de Sousa pessoa da máxima confiança de D. João III, honesto e empreendedor, mas sem o espírito guerreiro e digna tolerância do seu antecessor, o que lhe acarretou reverses dos seus compatriotas e lutas com os incolos brasileiros, estes mais subjugados pela ideia aguerrida de desalojar os seus adversários europeus da terra natal. Contidos a muito custo durante o governo anterior, o choque por vezes terrível entre colonos e aborígenes tinha de dar-se na devida oportunidade, que nem mesmo o procedimento pacífico dos governadores poderiam evitar, como foi reconhecido duma maneira geral e categórica, até pelos missionários, arautos da benignidade, que reconheciam que só uma política de força conseguiria subjugar o rebelde habitante do sertão brasileiro, fraco trabalhador e mau elemento sociável, guerreiro desleal que só reduzido à impotência pela força, se mostrou depois acessível pela benevolência.

A posição portuguesa tinha de ser mantida sem quebra de tenacidade, custando bem caro qualquer sinal de fraqueza nas relações com esse povo selvagem e indómito. Nóbrega reconhecia a necessidade de fazer-se guerra aos gentios, por insubmissos de outra forma; o pacífico Anchieta, ainda em 1563, ao referir-se ao ataque a Piratininga escreve que «para este género de gente não há melhor pregação do que a espada e a vara de ferro».

Havia que iniciar-se a luta sem tréguas!

A primeira campanha punitiva foi desencadeada por D. Alvaro da Costa, filho do goveanador D. Duarte, para ser continuada implacavelmente pelo terceiro governador Mem de Sá, em cuja campanha lhe ficou para sempre o filho Fernão de Sá e o sobrinho Estácio de Sá.

Ao governo de D. Duarte muito ofuscado pelas dissensões que se fomentaram e à frente das quais esteve o próprio Bispo—sucedeu o grande governador Mem de Sá, irmão do nosso egrégio poeta Sá de Miranda que, desde a sua chegada à Baía em Dezembro de 1557, até à sua morte em 2 de Março de 1572, foi incansável na defesa e unificação do território brasileiro.

Bastar-lhe-ia como título de glória a fundação do Rio de Janeiro, a cidade maravilhosa, que veio asuceder à Baía na sede do governo geral.

(CONTINUA)

Album de coisas várias

Quando há dias saí de Viana, na caminheta das sete e vinte (Transportes Cura), estava convencido de que, em Ponte do Lima, apanharia a da Auto-Motora que parte daquela vila às oito e dez e que chega a Braga entre as nove e nove e quinze. A certeza ali-cercava-se no facto de, por diversas vezes, ter utilizado aquela linha de transporte sem que anomalia alguma se verificasse, no meu regresso à cidade dos arcebispos. O meu espanto foi, por isso, enorme quando, na última segunda-feira, chegando a Ponte às oito e quinze, com grande arrelia verifiquei que a caminheta da Auto-Motora já tinha partido... Antes de saber o que fazer no sentido de chamar a atenção de quem de direito, até porque o veículo de Transportes Cura saiu com sete minutos de atraso, procurei informar-me se entre as duas caminhetas havia ou não havia serviço combinado. Conclui que não o havia, e que o facto de às vezes eu conseguir apanhar, em Ponte, meio de transporte para Braga, às oito e dez, é pura e simplesmente ocasional.

Assim esclarecido, a ninguém tinha que chamar à atenção, e como tinha que estar em Braga, sem falta, antes das dez horas meti-me num «taxi» (eu e outro indivíduo que se preparava já para barafustar contra o inconveniente verificado) indo apanhar a carreira da Auto-Motora um quilómetro para lá de Corvos.

E pensei e fiz esta pergunta a mim próprio: Porque é que os Transportes Cura, de Viana do Castelo, não têm serviço combinado com as carreiras da Auto-Motora, de Braga, de maneira que os passageiros que saem da Princesa do Lima, às sete e vinte, possam apanhar a caminheta que parte de Ponte às oito e dez para Braga? Pois, só a questão é de cinco, dez minutos o máximo! Com um pequeno jeito a coisa compunha-se, e isso só traria, evidentemente, grandes vantagens para o interesse dos passageiros ao mesmo tempo que faria subir um pouco mais a utilidade de ambas as empresas de transporte.

Será isso possível?

Já que falei em Ponte do Lima...

Sempre que me lembro de Ponte do Lima surgem na minha memória as imagens tranquilas dos cães que pululam livres e satisfeitos pelas suas artérias. Em muitas localidades os caninos foram expulsos da rua, como coisa ignóvel e indigna. Deram ao mais dedicado e leal amigo do homem uma vida caseira e acorrentada. Em Ponte do Lima nós temos a alegria, onde quer que nos encontremos, de sentir a presença do seu olhar ora suplicante, hora humilde. É agradável vê-los brincar, livres, satisfeitos pelas ruas dum sos-

segada Vila onde temos passado alguns dos nossos mais salutareos momentos.

A vila limiana é calma e taciturna como o largo fio de água do rio que a refrigera e lhe amacia os contornos cheios de encantos. Pequena e airo-sa cabe todinha no nosso coração, parecendo enorme e complexa nos dias de feira. Sempre que lá permanecemos temos que visitar o simbólico monumento a Feijó, autor de uns dos sonetos mais lindos da nossa poesia romântica e lírica.

A parte antiga da vila contrasta flagrantemente com a perspectiva moderna da sua fisionomia, onde o útil e o prático parece exercer grande influência a quem superintende e superintendeu na direcção dos seus serviços camarários. A fisionomia da vila é linear, simples, como tudo o que ela nos oferece. Andamos pelas suas artérias e nada do que se nos depara nos assusta ou diminui: gozamos da impressão de que tudo nos é familiar, conhecido de há muito.

Por isso Ponte do Lima cabe todinha no nosso coração! Joaquim Monteiro (Jorge)

Assinai e
propagai
A
«Tribuna
Livre»

Pensão do Eirado

DE José Maria Antunes

Quartos para vários preços, instalações modernas e quarto de banho, etc.



Telefone 6532

Termas Caldelas

“David,, Cabeleireiro



Minhas Senhoras:

Este é o moderno
salão que deve
preferir.

Av. Marechal Go-
mes da Costa

N.º 754-2.º (com elevador)

BRAGA

Folhetim da “Tribuna Livre,, 29

SEMPRE NOIVOS

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

—Mas a Maria Teresa se é uma rapariga muito ladina, também é, ao mesmo tempo, muito séria.

—Sérias também nós fomos, graças a Deus, mas nunca enfiámos o braço no do homera que nos namorava, assim tão descaradamente, diante de toda a gente!

—Os tempos mudaram, senhora vizinha!

Nós é que nos queremos convencer disso e temos a enganadora impressão de que ainda estamos na plena posse do estio da vida.

—Eu não acho que os tempos mudassem, o que vejo é que a mocidade de hoje é mais desavergonhada, não respeita as conveniências sociais, dando, assim, aos mais novos, maus exemplos.

E nós, senhora Anica, ainda não somos velhas, ainda não somos nenhuns trastes que se engeitem.

Tomaram muitas raparigas novas valerem o tal estio, como a senhora diz.

—Ai, senhora Eufrásia, apesar de tudo, quem nos dera a nossa mocidade, mesmo nos tempos de agora!

Conquanto ainda não nos consideramos velhas—porque velhos são os trapos!—os nossos vinte anos já vão muito distantes... e não voltam mais por mal dos nossos pecados!

—Lá isso é verdade.

Quem me dera nos meus vinte anos, senhora vizinha!

Também se os tivesse agora, e soubesse o que sei, creia que os havia aproveitar muito bem.

Que saudades desses tempos, senhora Anica!

Quando ia à romaria de S. Bento da Porta Aberta, pela estrada velha, pelo caminho da serra, com o Paulo Valentim...

Muito bem vestida, muito alegre, cheia de saúde e de vital

Nem quero que me lembrel

Procuravamos, sempre, ir sòzinhos e às vezes, até iam por uns atalhos para que ninguém testemunhasse a nossa alegria e o nosso prazer. Aquilo é que era um rapaz valente; pegava em mim ao colo e levava-me mais de um quilómetro de charola...

Que belos tempos aqueles! Muito a gente se divertia, mas era um divertimento que não provocava escândalo, pois nós procuravamos sempre lugares onde não houvesse mais ninguém.

Ele, o Paulo Valentim, era muito brejeiro!

Não perdia o seu tempo... ora a abraçar-me, ora a beijar-me, quando não fazia as duas coisas ao mesmo tempo.

E eu achava-lhe graça e quanta mais graça lhe achava mais ele refinava!

Quando encontravamos uma boa sombra paravamos e levavamos a borracha à boca para matar a sede e eu, para não sujar as saias sentava-me no colo d'ele.

Depois eu vingava-me dos beijos que ele me havia dado, dando-lhe muitos mais.

Isso é que ele tinha uma boca bonita, bem feita, pequena, e eu enchia-lha de quentes e sequiosos beijos.

—Já que entramos em confidências do que se passara no nosso tempo de meninas e moças, também lhe quero dizer que gosei bem a minha mocidade e bem pena tenho de ter sido tão curta—pois a mulher não devia envelhecer!

Eu, como se deve lembrar, e não é por me gabar, fui, também, uma rapariga bonita cheia de entusiasmo e de mocidade.

Os rapazes pareciam cardumes atrás de mim.

Eu, porém, aos daqui, aos da aldeia, fazia-me cara e não lhes ligava.

Quase todas as terças-feiras ia à feira de Braga e encontrava-me lá com o Januário Silvestre, da Póvoa de Lanhoso, que era um belo mocetão, forte e corado, e iam almoçar a um restaurante, num gabinete reservado e, a seguir, dormíamos... a sesta!

Ai que sestas a gente dormiu, senhora Eufrásia!

Quando me lembro desses tempos, até me dá vontade de chorar! Eu também não tenho de me queixar, a não ser que os anos passarem depressa.

A tia Anica não se lembra de um médico, que havia em Caldelas, um lindo homem loiro, com o cabelo todo encaracolado, um bigodinho muito bem tratado, e sempre de colarinhos engomados, quer no verão, quer no inverno?

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

à ponte do Porto nenhuns vestígios existam do antigo traçado da Geira, aquela ponte de 11 arcos, de abertura e volta desiguais, é o primeiro indício, como obra romana, de que aí transpunha a corrente do Cávado; que subia ao monte de Rabadas, junto à vila de Amares, donde começava a subir, flanqueando as encostas do monte de S. Pedro-fins...; mas chama a atenção para uma nota, em que acrescenta que alguns geógrafos e autores supuseram, com menos exactidão, o traçado desta via ao longo do rio Homem, desde a sua foz no Cávado.

Muito me custa, porquanto me falha absolutamente a competência para contrariar em matéria tão grave a palavra autorizada de Martins Capella, que, neste caso, não fiz mais que confirmar as opiniões dos restantes citados autores; no entanto, já que se trata de assunto que neste ponto não poderia ficar em aberto ao organizar-se a monografia de Amares, vamos entrar em considerações e análise:

Que a Geira segue ao longo do Homem, é, com efeito, menos exacto, quanto é certo que a este respeito são bem evidentes os vestígios de que, correndo primeiro pelas vertentes do Cávado, só depois passa para as daquele rio, a partir da estreita garganta de Santa Cruz, que entra nas Terras de Bouro, dividindo o lugar e servindo de limite aos dois concelhos.

Entretanto, como é razoável aceitar que os tais geógrafos se orientaram pelo seu traçado nas cartas e com desconhecimento dos pormenores da topografia, daí possivelmente o concluírem que ela mais ou menos marginalava o Homem, tanto mais que, convergindo com a sua nascente, à medida que se aproxima da Portela, cada vez mais se afasta do Cávado.

Além do valioso testemunho desses geógrafos, (antigos, claro está) e não foi sem conhecimento de causa que asseveraram que a Geira penetrava Entre-Homem e Cávado a partir da confluência dos dois rios, atravessando assim de ponta a ponta, longitudinalmente, como seria muito mais natural, e não obliquamente, como refere Martins Capella, apresentando por unico argumento a coexistência da ponte do Porto, «por ser igualmente obra romana», há que ponderar certas provas de muito peso, que se lhe opõem:

1.ª — Bem perto da confluência, e sobre a margem direita do Cávado, fica o lugar de Ponte, na freguesia de Lago, nome que lhe proveio da que ali existiu, podendo ainda verificar-se muitos vestígios de obra antiga de uma à outra margem, na direcção de Braga.

Ao fundo do actual de Santa Marta, muito mais moderno que o anterior, e em território dele considerado, aí se encontra uma série de azenhas a par e através do leito do rio, e devem-se, assim como outras construções e a existência do próprio açude, à farta abundância de materiais que ficaram de ruínas de obra gigantesca; não faltam aí motivos para demorada observação e estudo: pedras de avultadas dimensões e que não foram talhadas para os lugares onde finalmente foram aplicadas.

Pode mesmo verificar-se que os «cortantes», que defendem duas das azenhas, são os mesmos a que se ampararam arcos da ponte; e daí mais pode concluir-se que esta não era rigorosamente direita, circunstância que acompanha outras pontes de construção romana, ainda existentes, e isso deve-se a exigências da necessária firmeza para apoio da base dos arcos.

De um deles, foi devastada uma pedra que passou a servir de soleira de porta.

Foi aqui indiscutivelmente e desde sempre o ponto do maior trânsito entre as terras ao norte de Braga e esta antíquíssima cidade.

Há mesmo que considerar três palavras — três elementos de essencial fixão na mente desses antigos poetas, e dos quais ainda remanescem fortes vestígios: *Montem* — a serra do «Monte»; *annem* — o rio «Homem»; *pontem* — «a ponte», propriamente ditos, nomes que para sempre se ligaram a tão importantes acidentes.

Uma vez privados da ponte que tanto poderia ter sido arrastada pela corrente, o que é mais natural, como propositadamente destruída para obstar a qualquer invasão, — a invasão, haja vista, que em tempos relativamente recentes, os povos de Terras de Bouro fizeram a despesa 30\$000 reis, que deram aos pedreiros em 1650 para demolirem quatro magestosas pontes romanas sobre as quais passava o leito da Geira na Portela do Homem, com receio de que por lá entrasse o inimigo nas guerras da Restauração.

Encontram-se por aqui todos os sintomas de grande movimento fluvial, por meio de barcação individual e para carros:

Calçadas, agora cobertas pelo lodo e arbustos marginaes, entravam pelo rio para evitar que os rodados se enterrassem na areia.

(Continua no próximo número)

Tribuna de VILA VERDE

Deliberações da Câmara Municipal de Vila Verde em sua sessão de 26/6/57

— Assistência Hospitalar a doentes pobres e indigentes.

A Manuel da Costa Pinheiro, de Aboim da Nóbrega, para tirar uma radiografia no Hospital de S. Marcos—Braga.

Licença para obras

Ao Dr. João Maria Macedo da Cunha, de Cervães, para construir uma casa de habitação no lugar de Campelos.

A firma Irmãos Paredes Lda do Largo Dr. Oliveira Salazar—Amares, para instalar uma aparelhagem Sonora nas feiras e festas do concelho de Vila Verde.

Ao Padre Manuel Gonçalves Diogo do Campo da Feira—Vila Verde, para proceder a obras no seu prédio.

A Manuel Alves Pimenta, de Braga, para construir uma casa junto do caminho público na freguesia de Marrancos.

A José Maria Vivas, de S. Cristovão do Pico, para abrir uma estrada carral.

A Albino Cerqueira de Freitas, da Portela do Vade, para construir uma corte à face do caminho municipal.

A Maria Candida Barbosa, de Vila Verde, para colocar um sinal funerário no cemitério Municipal.

A Francisco José da Costa, Duas Igrejas, para construir uma casa junto do caminho público.

A José de Oliveira Rios, de Cabanelas, para construir um muro junto do caminho público.

Requerimentos

Da Senhora Professora de Escariz S. Martinho, queixando-se contra o Secretário da junta da mesma freguesia, Dário Oliveira Barbosa, pai de dois alunos que, perante várias crianças se negou a entregar as cédulas de seus filhos, proferindo insinuações desrespeitosas.

A Câmara tomou providências.

Da Senhora Professora da freguesia de Oleiros, pedindo para residir na cidade de Braga.

Do Sr. Casimiro Francisco Gomes da Costa, de Cervães, pedindo o alargamento de um caminho junto do Adro da Igreja de Prado Santa Maria. Deferido.

Saldo Camarário

Receitas arrecadadas e depositadas na Caixa Geral de Depósitos em 26 de Junho esc. 256.236\$00.

Banda Marcial de Vila Verde

À Banda Marcial desta Vila, deslocou-se no passado dia 6 a Felgueiras.

Também se deslocou a Braga, no passado dia 7, a fim de dar um concerto na avenida dos Combatentes da G. Guerra para a conclusão das Festas Sanjoaninas, e onde novamente foi muito aplaudida, tendo executado além de outros números a Tosca, Viúva Alegre, Rainha Moura etc; etc.

Aproveitando a vitória do Sporting Club de Braga, a Banda, apresentou-se com laços das cores da Bandeira daquele club e foi cumprimentar a Direcção à sua sede pela sua passagem à Divisão Maior.

Em seguida foi cumprimentar a Filial de o Comércio do Porto e durante o trajecto foi alvo de grande manifestação e ovacionada com palmas e vivas a Vila Verde.

Ainda bem que nos vamos tornando conhecidos do País, mercê de este conjunto musical que nos honra em qualquer lado.

Casa para a Sociedade de Educação e Recreio

Está quasi concluída a obra de pedreiro e segundo declarações do seu construtor, sr. Aparício de Oliveira, ainda ficará concluída a sua cobertura no corrente mês.

É mais um melhoramento que fica atestar a boa vontade de todo o concelho de Vila Verde — à cabeça do qual se encontra o grande bairrista Dr. António Ribeiro Guimarães, muito embora digam que é por brio...

Julgamento

Em tribunal coletivo a que presidiu o corregedor sr. Dr. Azevedo Soares (Carcavelos), tendo como vogais os Juizes srs. Drs. Gonçalves Dias e Armando Barbosa, ajudante do Procurador da República o sr. Dr. Alexandre Herculanino Martins de Almeida, foi julgado nesta comarca Maria da Silva, solteira, de 30 anos de idade, serviçal na freguesia de Sabariz, pelo crime de in-

(Continua na 4.ª pagina)

RECORTES

Secção de ODEGAM

Loucura por saudade

Era um pobre rapaz, um simples operário; perdera a companheira inda na flor da idade e, entregue à sua dôr, morria de saudade entre um pequeno berço e um leito solitário.

Deu em beber. À noite, ao ébrio visionário apparecia-lhe ella... que felicidade! que delírio! que amor! que beijos! temerário, não via o filho a olhar fremente d'anciedade.

Uma noite bateu, bateu... Tudo calado. Arromba a porta... horror! aos pés da cruz da mãe, vê 'stirada a creança, e uma garrafa ao lado.

— «Que fizeste ladrão? lhe grita como quem ia esmaga-lo ali!»

Responde o desgraçado: — «Papá, não batas... quiz ver a mamã também.»

Parahyba do Norte.

W.

A MODELAR

TIPOGRAFIA
ENCADENÇÃO
PAPELARIA

Folra Nova-Amaros

A nossa officina executa toda a espécie de trabalhos tipográficos. Descontos especiais aos assinantes deste Jornal. Fornecemos orçamento prévio quando pedido.

ESTAMOS JÁ A FORNECER
ALGUNS ASSINANTES DO ULTRAMAR